

## **HEINRICH BÖLL E A LEGITIMAÇÃO TEOLÓGICA DO DISCURSO LITERÁRIO**

*Paulo Astor Soethe*

### **1. Introdução**

A obra do escritor alemão Heinrich Böll (1917-1985) caracterizou-se tanto pela conquista de um grande número de leitores (teve 20 milhões de exemplares vendidos dentro e fora da Alemanha), quanto pelas reações que logrou alcançar para além da cena estritamente literária. No Brasil, seus textos contaram com boa recepção e conquistaram espaço significativo nos meios acadêmicos e literários.<sup>1</sup>

Como católico, o escritor tomou parte em várias das discussões ocorridas nos meios cristãos, e esteve algumas vezes à beira de um rompimento com a Igreja, sem jamais tê-lo feito em definitivo. A "consciência da Nação", como era denominado pela imprensa em seu país, clamou pela renovação das práticas cristãs na Alemanha, em especial nos anos subseqüentes à Segunda Guerra Mundial.<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Para maiores informações sobre a recepção de Heinrich Böll no Brasil, cf. SOETHE, P. "Nele tem-se a impressão de que amargura rima com travessura" ("Contribuição bibliográfica ao estudo da recepção de Heinrich Böll no Brasil", *Revista de Ciências Humanas* n. 3 (1994) 105-111).

<sup>2</sup> Sobre a busca de renovação para o catolicismo em Heinrich Böll, cf. KUSCHEL, K.-J. "Heinrich Böll e a visão de uma catolicidade diferente", *Síntese Nova Fase* 21 (1994) 539-557.

De sua parte, conferiu atenção particular ao papel e ao prestígio do discurso ficcional junto às discussões de cunho teológico e eclesiástico. Com o tom contundente que lhe era peculiar, apregoou a necessidade de uma nova dicção teológica: insistiu em que se reconhecesse o valor do discurso ficcional para esse campo, ao mesmo tempo em que questionou o discurso teológico então dominante.

Suas críticas, que acabaram por encontrar resposta significativa junto a importantes teólogos, constituem o ponto de partida para o comentário a seguir, dedicado a refletir sobre a contribuição de Heinrich Böll à discussão sobre as relações entre teologia e literatura.

## **2. Desafios à teologia contemporânea**

Böll, em linhas gerais, propugna a idéia da autonomia ilimitada do escritor em relação a qualquer poder constituído socialmente; a atividade literária estaria condicionada apenas ao compromisso de cada literato com sua própria consciência individual, com a arte em si e com as "reservas de humanidade" ainda existentes nas relações interpessoais, à revelia da desumanização das estruturas sociais estabelecidas.

Böll valoriza a busca de uma linguagem adequada à representação do "humano", que deve provir do horizonte de experiências quotidianas de solidariedade entre indivíduos desconsiderados socialmente. Quanto ao processo de composição, recomenda a construção de textos literários que dêem forma ao anseio utópico de conquista de uma "terra acolhedora", isto é, de um "lar" em que homens e mulheres possam viver fraternalmente.

Em seus ensaios, o autor revela uma grande preocupação com a diferenciação entre os discursos literário e teológico. Bem o demonstra o texto "Arte e religião" ("Kunst und Religion", 1959)<sup>3</sup>: nele, Böll defende a idéia de que a Igreja não estaria em condições de julgar se alguém é ou não um artista, e de que portanto não é possível estabelecer o que seja um "escritor cristão".<sup>4</sup> Isso haveria sido possível em tempos passados, quando as "artes liberais" desenvolviam-se apenas no círculo restrito da Igreja, e quando "todos os artistas eram forçosamente artistas cristãos". Mas mesmo então, segundo Böll, os

<sup>3</sup> BÖLL, H. *Werke. Essayistische Schriften und Reden*. 3 vol. Colônia: Kiepenheuer und Witsch, 1979 (doravante ESR1, ESR2, ESR3).

<sup>4</sup> Naturalmente, Böll tratava de se afastar das rotulações propostas pela crítica à sua produção literária, as quais poderiam identificá-lo com as forças "cristãs" no cenário político-cultural alemão da época. Sobre a resistência de Böll de deixar-se classificar como "cristão", cf. KUSCHEL, *op. cit.*, p. 540.

artistas expressavam sua ira contra essa situação, “de forma clara, e às vezes realmente grosseira”:

*O franciscano Jacopone da Todi escreveu poemas sarcásticos contra o papa, [o pintor] Stefan Lochner colocou papas e cardeais no inferno, e nas catedrais góticas há algumas gárgulas que apontam partes traseiras do corpo, nuas e com intenções nada ambíguas, diretamente para o palácio episcopal. (ERS1, p. 318-319)*

“Arte e religião” concede às Igrejas, no máximo, o direito de emitir juízos sobre elementos que na arte ameacem ou beneficiem a fé e a moral. Sobre a arte em si, no entanto, os “elogios ou sentenças de excomunhão”, como tais, não teriam absolutamente nada a dizer. As Igrejas estariam ainda condicionadas à mentalidade anacrônica dos tempos em que “um mínimo de forma” era garantido pelas tradições artesanais desenvolvidas sob sua égide:

*“Enquanto os teólogos se restringirem à avaliação de conteúdos, será mais valorizada justamente a ferramenta menos adequada à oficina de um artista: o chavão” (id., p. 320).*

Böll lamenta a inexistência de uma “teologia das formas artísticas”, pois somente algo assim poderia, por exemplo, dar corpo a um conceito como “literatura cristã”. Ao mesmo tempo que estabelece a diferenciação entre o discurso teológico anacrônico e o discurso literário autônomo, o escritor anuncia seu anseio por uma solução alternativa, capaz de ter algo a dizer sobre arte e a experiência religiosa.

*As Igrejas não controlam mais a arte, ela lhes escapou; e o desamparo com que as Igrejas se deparam diante dela é a um só tempo comovente e assustador, já que com isso chega a ser quase insuportável o peso da liberdade imposta ao artista. Ele não se sente mais atingido por qualquer julgamento por parte da Igreja, já que falta a esses julgamentos qualquer diferenciação, sejam eles positivos ou negativos, e também competência, que não é comprovada em momento algum. O artista está sozinho, mas tem muito a ver com demônios, com espíritos bons e maus que zelam pelo mistério; ele vai trair sua arte ou o Deus em que crê? E não estará traindo Deus, se trair a arte, se devolver menos do que lhe foi concedido? Caso não suporte o peso da liberdade, o artista pode render seu talento a chavões, seja ele grande ou pequeno, e pode conceber uma espécie de modelo prático que o garanta diante de tentações. (ERS1, p. 321)*

Defende-se, no ensaio, a tese da autonomia do discurso literário e a necessidade de seu maior reconhecimento. A independência dos escritores em relação à Igreja é afirmada com clareza, mas a isso vem aliar-se um tom de pesar pelo abandono em que os artistas teriam sido deixados. A sensação mista de autonomia e perda é expressa através da referência à parábola dos talentos: as escolhas lexicais (“talento”, “devolver menos do que foi concedido”) remetem o leitor diretamente ao texto bíblico (p. ex. Mt 25, 14-30).

Alguns anos mais tarde, em 1973, Böll chega mesmo a propor a idéia de uma superioridade do discurso literário em relação ao discurso teológico tradicional, no que diz respeito ao objeto que, por excelência, caberia a este último abordar. O argumento surge na resenha intitulada "Olhar para trás com amargura", uma apreciação do livro "Jesus, Filho do Homem" ("Jesus Menschensohn"), de R. Augstein.

A obra de Augstein desenvolve uma análise dessacralizada de Jesus, com especial atenção a seu contexto histórico e na busca de uma visão isenta do ser humano que ele teria sido. Além disso, tece críticas a apropriações de sua imagem e de seus ensinamentos, sobretudo por parte das Igrejas cristãs.

As reações do clero contra Augstein são imediatas. Na resenha, Böll intervém, como bom polemista, e não se limita à discussão do livro em si. Volta-se a questões mais amplas, permeando sua resenha de comentários ferinos à teologia oficial:

*A teologia clássica não está, afinal, próxima de seu fim? Ela não é cada vez mais um jogo de iniciados, que se lançam a circunvoluções e torneios, fixados e aferrados a um jargão próprio? Um grupo de visionários que deliraram quando o Vaticano, de forma magnânima, lhes permite discutir se eventualmente seria permitido a leigos pregar na Igreja? (ESR3, p. 31)*

Opondo-se claramente aos teólogos oficiais reconhecidos por Roma, Böll recrimina-os por se ocuparem com temas desvinculados da realidade concreta. Utilizam-se, segundo ele, de um jargão desatualizado, voltado a si mesmo, e condenado a um fim próximo, por não ter mais pontos de contato com o mundo tal como se apresenta. Em linhas gerais, Böll tende a defender Augstein das críticas que lhe fazem teólogos como esses. Mas tampouco Augstein escapa ileso. Böll não perde a oportunidade e refere-se à contraposição entre literatura e teologia, recriminando o próprio Augstein por referências pejorativas ao discurso ficcional presentes em seu livro: em determinado momento, Augstein refere-se à literatura como um discurso de menor credibilidade e veracidade, o que, segundo Böll, o aproximaria à mentalidade do tão condenado discurso teológico tradicional. Böll pretende, afinal, afirmar o valor de verdade do discurso ficcional e oferecê-lo como alternativa à dicção teológica tal como se apresentava.

*Literatura não equivale a inverdade. Lenda não equivale a mentira, e tanto menos o mito. A literatura não é tampouco o oposto da história; ambas podem complementar-se, à medida que se aproximam do mesmo objeto a partir de pontos de observação muito distantes. Também os escritores cultivam algo que os físicos talvez viessem a chamar "teste do material". Afinal também um repórter seleciona, comprime, compõe, processa, e se Augstein contrapõe duas vezes a "força poética" à realidade, ele sucumbe a*

*um erro típico da teologia. Será que algum dia não se vai concluir que a única literatura religiosa e teológica a ser levada a sério foi escrita por poetas? (ESR3, p. 32)*

E mais adiante, como conclusão da resenha:

*O menosprezo do poético, deste que possui sua própria objetividade e sua própria razão, é um erro imenso dos teólogos. O que de mais verdadeiro poderia comprovar-se e preservar-se tanto nos Evangelhos quanto em tudo aquilo que se acrescentou a eles, senão sua poesia? Será possível expressar melhor desprezo e cordialidade, de uma só vez, do que através do silêncio diante do tribunal? (id., p. 33)*

A posição é clara: Böll utiliza-se do artifício de aproximar Augstein aos teólogos, nesse ponto específico, e então o critica por seu descaso face à literatura. Encontra espaço para tornar explícita sua intenção de conferir à dicção literária legitimidade no trato de Deus, da Igreja e da fé: a melhor teologia pode ser feita por escritores, pela utilização dos recursos *poéticos*, de elementos *narrativos*,<sup>5</sup> e não pelo tom pseudo-científico e racionalista que teria impregnado o discurso teológico oficial.<sup>6</sup> Os Evangelhos, afinal, fonte maior da fé cristã, são eles mesmos poéticos e narrativos. O escritor volta a aproximar sua voz à da Escritura, e remete seu leitor a concepções poéticas desenvolvidas por ele em outros momentos, sobretudo no que diz respeito à capacidade da literatura de incorporar em si a diversidade e a multiplicidade da vida: a literatura seria insuperável na representação da ação desenvolvida ao longo do tempo e construída também de silêncios, conforme evidencia o exemplo da atitude de Jesus face ao tribunal.

Essa confiança de Böll na verdade da literatura, considerada em seu valor e natureza próprios, requer reflexões específicas sobre o tipo de conhecimento oferecido pelo discurso literário, que se constrói no espaço ambíguo da ficcionalidade.

<sup>5</sup> Sobre o valor, as possibilidades e a adequação de uma "teologia narrativa", cf. MIETH, D. *Dichtung, Glaube und Moral*. 2ª ed. Tübingen: Matthias-Grünwald, 1983, p. 41-50; MEYER ZU SCHLOCHTERN, H. "Erzählen als Paradigma von Theologie". In: BIRGER, F. (org.). *Theologische Berichte*. vol. 8. Zurique-Colônia, 1980; METZ, J. B. "Pequena apologia da narração", *Concilium* 85 (1973) 580-592; e WEINRICH, H. "Teologia narrativa", *Concilium* 85 (1973) 569-579.

<sup>6</sup> Böll: "... não se pode compreender que as Igrejas, de modo lamentável, se empenhem por alcançar cientificidade; não é por acaso que ateus e homens da Igreja que se deixaram rebaixar a meros defensores de interesses acabem desgraçadamente chegando a acordos. Eu já disse que se vai chegar a perversas mudanças e deslocamentos dos fronts de batalha: aí as Igrejas estarão no estágio de, sem o conhecimento da estética, não mais poderem compreender a religião presente na literatura; pois nesse mundo complicado aquilo que é simples e que se pode transmitir facilmente percorre - e precisa mesmo percorrer - caminhos sempre mais complicados." (ESR2, p. 85)

### 3. A verdade da literatura

Para tanto, cabe recorrer às reflexões do editor, crítico e professor brasileiro João Alexandre Barbosa, em seu texto *A leitura do intervalo*.<sup>7</sup> Segundo ele,

*aquilo que não é literatura na leitura da literatura, isto é, a multiplicidade de significados referidos à experiência do leitor, tem uma existência dupla: faz parte do mundo da experiência empírica enquanto dado da realidade psicológica, histórica ou social e, por outro lado, eventualmente existe como componente de uma organização, ou construção específica, que é a obra literária. (p. 16)*

O crítico dedica-se a refletir sobre o espaço intermediário que se cria por força da assim chamada "existência dupla do que não é literatura na leitura da literatura". Sua reflexão desenvolve-se a partir da idéia de *intervalo*, o que, a propósito, encontra uma ressonância inusitada: também nos textos de Böll a noção está presente, designada por termo correspondente em alemão. Segundo o "Ensaio sobre a razão da poesia"<sup>8</sup>, Böll considera que os escritores se ocupam justamente do *intervalo* ("Zwischenraum") estabelecido entre seu universo pessoal e o universo que criam, entre a vontade de escrever e a conquista do corpo desconhecido, ao qual atribuem vida no momento da escrita. Trata-se do espaço intermediário estabelecido entre o contexto real que se apresenta ao escritor e o resultado de sua produção ficcional.

A diferenciação entre os estatutos do discurso literário e de outros propriamente teóricos, por exemplo, é estabelecida por Böll a partir dessa noção. A atenção ao intervalo, segundo ele, constitui a especificidade do poético e confere legitimidade às manifestações do escritor sobre seu mundo: no espaço entre realidade e ficção, entre contingência e imaginação criadora é que reside a irredutibilidade da palavra. Assim, todas as implicações inefáveis que a linguagem traz consigo, por estar mergulhada no tempo, na vida e no dinamismo das relações interpessoais, encontram lugar no discurso poético.

De forma análoga, mas sob a perspectiva do crítico literário, Barbosa apresenta como procedimento possível para a apreensão da literatura o que denomina *leitura do intervalo*. Já no prefácio de seu trabalho, o crítico brasileiro delimita alguns conceitos básicos sobre o tema:

<sup>7</sup> BARBOSA, J. A. *A leitura do intervalo*. São Paulo: Iluminuras, 1990.

<sup>8</sup> ESR 3, p. 39-45.

*A esta leitura entre os dados da realidade e suas representações é o que aqui se chama leitura do intervalo. O intervalo, portanto, não é um vazio: é antes aquele tempo/espaço em que a literatura se afirma como literatura sendo sempre mais do que literatura porque apontando para esferas de conhecimento a partir das quais o signo literário alcança a representação. (BARBOSA, op. cit., p. 11)*

Não há entre essas assim chamadas "esferas de conhecimento" e o saber científico ou filosófico socialmente consagrado uma identificação imediata. Barbosa, no entanto, aponta na literatura a constituição de uma forma de conhecimento própria, estabelecida a partir da especificidade do discurso literário, ou seja, de sua capacidade de criar formas novas através da manipulação consciente do signo lingüístico. Em suas palavras,

*aquilo que se lê como sendo mais do que literatura na leitura da literatura é antes um sentido produzido pela própria composição do que uma pressuposição de significados independentes de um certo modo de existir em relação a outros significados. (p. 17)*

A literatura, portanto, não se limita a apropriar-se de significados já existentes, somente transportando-os para o espaço literário e conferindo-lhes independência em relação ao mundo real. Ela vai além e proporciona uma resposta transformadora desses significados, que é ao mesmo tempo uma forma de questionamento a atualizar-se no ato da leitura:

*(...) os elementos psicológicos, sociais ou históricos que são apreendidos a partir da leitura da obra, e que parecem ser mais do que a obra tem enquanto literatura, dada a sua existência dual já referida, são metamorfoses de um sentido mais geral produzido e não somente secretado pela organização da própria obra. Entre o espaço empírico anterior e o do reencontro através da leitura, aqueles significados psicológicos, sociais ou históricos foram articulados pelo que é literatura na leitura da literatura: a ficcionalidade. (p. 17)*

A articulação que envolve significados de várias ordens, como se a literatura desconsiderasse os recortes impostos pela apreensão ordenada dos fatos do mundo, acaba incitando a uma abordagem interdisciplinar e, por isso mesmo, desafiadora de seus resultados. À medida que se pretende apreender aspectos históricos e técnicos próprios ao discurso literário, os textos impõem também questionamentos de outra ordem:

*"a intensidade com que se trabalha os valores da linguagem, isto é, o que é próprio da literatura, leva à problematização radical dos demais valores — filosóficos, psicológicos, sociais, históricos—veiculados pela literatura." (p. 26)*

Daí a plausibilidade de se buscar a constituição de uma forma de conhecimento própria ao discurso literário.

Nesse sentido, as incursões de Böll por campos pretensamente “externos à literatura” e a presença de elementos considerados “extraliterários” em sua obra confirmam o caráter interdisciplinar do discurso literário e sua inevitável repercussão desafiadora no momento da recepção. As reações provocadas pela obra, nem sempre positivas, apontam para a existência de formas de controle externo e interno às potencialidades do imaginário. Ao mesmo tempo, porém, dão indícios das formas de atuação da *mimesis* literária: ela permite ao escritor manter vivo o diálogo com seu universo de leitores, a partir do jogo entre as respostas a expectativas socialmente partilhadas e a proposição de novas formas e idéias desafiadoras.<sup>9</sup>

Nesse sentido, as opções literárias de Heinrich Böll vêm adequar-se a sua intenção de atuar frente à realidade concreta, a partir da construção legítima de conhecimento tanto sobre a própria literatura quanto sobre ética, teologia e eclesiologia. A interdisciplinariedade, afinal, segundo João Alexandre Barbosa, pode ser vista como

*movimento interno de configuração do próprio signo literário, o que aponta para a existência, na criação literária, de autores que são pensados como verdadeiros precursores de sistematizações em diversas áreas de conhecimentos. É, por exemplo, o caso de Balzac para as ciências sociais ou o de Dostoiévski para a psicanálise. (op. cit., p. 26-27)*

E é também, pode-se dizer, o caso de Böll para a reflexão teológica e eclesiológica no mundo contemporâneo. Sua abordagem provocativa da religião e da Igreja nos textos ficcionais — muitas vezes em textos satíricos —, a repercussão de sua obra no meio eclesiástico e cristão, e o papel que ela desempenhará na discussão teológica contemporânea parecem confirmar esse argumento.

#### **4. Reflexões teológicas em diálogo com a obra de Böll**

Já por sua condição de leigo católico, assumida mais ou menos intensamente em diferentes fases da vida, Böll esteve em permanente evidência nos meios ligados à Igreja e à intelectualidade cristã de seu país. Os exemplos acima demonstram sua prontidão para a abordagem de temas ligados ao cristianismo, quase sempre em tom polêmico e questionador. Os resultados da atividade de publicista e escritor ligados a essa faceta de sua vida assumiram dimensões significativas. Foi dedicada a Böll, por exemplo, uma seção exclusiva na bibliografia

<sup>9</sup> Cf. sobre a questão COSTA LIMA, L. *O fingidor e o censor. No ancien régime, no iluminismo e hoje*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988.

organizada por Hehl e Hürten sobre o catolicismo alemão entre 1945 e 1980;<sup>10</sup> seu nome encabeça um longo verbete na "Enciclopédia da literatura cristã universal"<sup>11</sup>, e é ainda relevante o número de publicações e trabalhos acadêmicos dedicados a estudar aspectos cristãos em sua obra.<sup>12</sup>

Em síntese, e conforme foi possível observar no item anterior, a crítica de Böll à teologia tradicional esteve baseada sobre os seguintes argumentos: a) ela se pretende um canal *exclusivo* da reflexão sobre a fé, sobre Deus e a religião; b) ela se pretende um discurso *totalizante*, capaz de exaurir a complexidade do fenômeno religioso, das relações entre as pessoas e entre elas e Deus; c) ela se assume como um discurso racional e objetivo, mas que não consegue ser mais que *pseudo-científico*, já que é inadequado à inapreensibilidade de seu objeto; d) ela se perde em *discussões irrelevantes*, pois está sempre voltada sobre si mesma e não vislumbra mais o próprio objeto; e) ela se pretende, ainda assim, um discurso *normatizante*, que contraria a diversidade e o dinamismo do fenômeno religioso; f) e ela é, enfim, *discriminadora*, pois nega valor de verdade ao discurso poético, ignorando a própria natureza dos textos fundadores da fé com que se ocupa.

Esse elenco de críticas lançadas ao discurso teológico não é exclusivo da percepção de Böll. Evidentemente, os teólogos e demais teóricos que o citam, quando se dedicam a tais questões, não o fazem apenas

<sup>10</sup> HEHL, U. von e HÜRTEIN, H. (orgs.). *Der Katholizismus in der Bundesrepublik Deutschland 1945-1980. Eine Bibliographie*. Mainz, 1983.

<sup>11</sup> KRANZ, G. *Lexikon der christlichen Weltliteratur*. Freiburg: Herder 1977.

<sup>12</sup> Destacamos aqui, entre outros, as obras de: STEMMLER, W. *Max Frisch, Heinrich Böll und Sören Kierkegaard*. Munique, 1972. Doutorado em Filosofia - Philosophische Fakultät, Ludwig-Maximilians-Universität, que aproxima Böll e Kierkegaard, a partir dos pontos comuns presentes na relação de ambos com o cristianismo no mundo contemporâneo; MOLING, H. *Heinrich Böll - eine "christliche" Position?*. Zürich: Juris Druck, 1974, dedicado aos fundamentos do desconforto que Böll manifestava ao ser denominado "autor cristão"; WIRTH, G. *Heinrich Böll. Religiöse und gesellschaftliche Motive im Prosawerk*. Colônia: Pahl-Rugenstein, 1987, que apresenta exaustiva análise dos motivos religiosos na obra de Böll sob o prisma característico da produção acadêmica da ex-RDA; GÜSTRAU, S. *Literatur als Theologieersatz: Heinrich Böll: "Sie sagt, ihr Kuba ist hier und auch ihr Nicaragua."* Frankfurt a. M.: Peter Lang, 1990, que vê na literatura de Heinrich Böll o exercício de uma teologia da libertação secular; GÖTTLICHER, K. *Die irdisch-materialistische, menschlich-himmlische Leni. Aspekte der Religion in Heinrich Bölls Roman "Gruppenbild mit Dame"*. Gießen, 1990. Dissertação de Mestrado - Justus-Liebig-Universität, que analisa aspectos religiosos no romance "Gruppenbild mit Dame"; SCHÄFER, M. *Biblische Bezüge im Roman Billard um halbzehn von Heinrich Böll*. Troisdorf, 1991. Mestrado em Germanística - Philosophische Fakultät, Universität zu Köln, que comenta as referências bíblicas presentes no romance "Billard um halb zehn"; e JÜRGENBEHRING, H. *Liebe, Religion und Institution: Ethische und religiöse Themen bei Heinrich Böll*. Mainz: Grünwald, 1994, que desenvolve longa e minuciosa reflexão sobre o questionamento teológico da institucionalização do amor na obra de Böll.

porque ele lhes tenha despertado a atenção para elas; é inegável, no entanto, que Böll se apresenta como interlocutor estimulante nesse campo, capaz de oferecer reflexões dignas de consideração, como as abordadas no item anterior.

Isso se torna claro, por exemplo, através das referências a Böll em trabalhos dedicados à relação entre teologia e literatura<sup>13</sup>, mesmo quando seu nome e sua obra não se constituem objeto específico e pré-determinado da discussão. Tome-se, por exemplo, a obra "Teologia e literatura. Sobre a situação do diálogo",<sup>14</sup> em que estão publicados conferências e debates apresentados em simpósio realizado no ano de 1984, em Tübingen, um dos centros de excelência em teologia na Alemanha. Do evento participaram teólogos, escritores e teóricos da literatura, num esforço de reflexão interdisciplinar. Há no livro ao menos treze referências a Böll; em uma delas, inclusive, o crítico literário Jürgen Schröder, aponta-o como precursor das discussões que ora se desenvolviam:

*Heinrich Böll demonstrou através de sua vida, durante décadas, que a unidade entre o cristão e o escritor é possível. Ele também foi durante muito tempo um "mensageiro no deserto", que clamou já nos anos 50 por uma "teologia das formas artísticas". Talvez seja possível dedicar-se a essa tarefa e produzir um dicionário com o qual as duas línguas [a da teologia e a da literatura] se tornem traduzíveis. (in: JENS, op. cit., p. 261)*

A imagem da produção de um dicionário ilustra na fala de Schröder a "tarefa" de construir uma "teologia das formas artísticas" (cf. formulação de Böll), a partir de uma linguagem intermediária entre a teologia em sua forma tradicional e a arte. O evento de Tübingen evidenciou os desafios que se apresentam aos intelectuais dessa área interdisciplinar, já que as discussões aí realizadas buscaram demonstrar justamente as dificuldades e possibilidades para a aproximação entre os discursos teológico e literário, ou ainda entre os discursos teológico e das ciências literárias. As menções diretas a Böll deixam

<sup>13</sup> No Brasil, apenas muito recentemente o tema vem ganhando maior espaço. Em 1994, publicou-se, de MANZATTO, A. *Teologia e literatura. Reflexão teológica a partir da antropologia contida nos romances de Jorge Amado*. São Paulo: Loyola, obra dedicada à "reflexão teológica a partir da antropologia contida nos romances de Jorge Amado". Na longa bibliografia desse trabalho faz-se referência a apenas um outro texto sobre o tema escrito por autor brasileiro, qual seja o artigo de ZILLES, U. "Literatura e teologia". *Veritas* 29 (1984) 337-349. Mais recentemente, veio também a público a obra de RODRIGUES DE ANDRADE, D. *O paradoxo cristão. História e transcendência em Alceu Amoroso Lima*. São Paulo: Loyola, 1994, dedicada à análise da importância da reflexão teológica na produção do renomado escritor cristão.

<sup>14</sup> JENS, W. (org.). *Theologie und Literatur. Zum Stand des Dialogs*. Munique: Kindler, 1986.

claro como ainda repercutiam, na ocasião, as provocações do escritor, mesmo tendo sido apresentadas já a partir da década de 50.

Não são apenas as referências diretas a ele, no entanto, que marcam em Tübingen a pertinência de suas reflexões sobre o tema. Considerações de participantes proeminentes, como é o caso de **Hans Küng**, podem ser associadas a idéias de Böll, mesmo que ele não as mencione diretamente.<sup>15</sup> Veja-se, por exemplo, o conjunto de citações a seguir, extraídas de um dos textos de Küng que integram os anais do simpósio:

*A teologia, justamente no espaço tão sensível da literatura, procura pelas possibilidades de diagnosticar seus próprios defeitos e deformações, mas também de descobrir novas maneiras de abordar a religião. A teologia procura saber se a literatura autônoma, insubmissa a qualquer autoridade e domínio (com exceção do estético) abre possibilidades de uma nova integração entre religião e consciência moderna. (in: JENS, 1986, p. 27, grifo nosso)*

No trecho acima, o respeito à autonomia do discurso literário — defendido insistentemente por Böll, e sob uma formulação muito semelhante — é decisivo para o interesse que o teólogo atribui à literatura na perspectiva específica de sua área. É desse respeito à autonomia literária, inclusive, que Küng deriva uma série de recomendações à prática intelectual dos teólogos que venham a se ocupar com literatura. Com base nesse pressuposto, Küng afirma que “muito se ganharia” na almejada aproximação entre os dois campos,

*se se conseguisse pelo menos que a teologia não utilizasse tanto a literatura como ilustração e autoconfirmação de conteúdos rigidamente formulados e inalteráveis. Se a teologia se aproximasse de forma um pouco mais humilde no que diz respeito a seus anseios de verdade. Se ela deixasse de utilizar a literatura para fins homiléticos, catequéticos ou pedagógicos. (id. ibid.)*

Ponto a ponto, essas recomendações podem ser identificadas com argumentos de Böll já apresentados anteriormente. Até aqui, são criticados pelo teólogo três aspectos igualmente presentes nas restrições do escritor ao discurso teológico.

Primeiro, trata-se da tentativa de apropriação da literatura como mera ilustração de afirmações definitivas, que pretensamente já teriam sido propostas de antemão pela teologia. Fica evidente a crítica ao ímpeto *normatizante* da teologia, que pretende atuar sobre as várias manifestações que se ocupem do fenômeno religioso.

<sup>15</sup> A admiração de Küng por Heinrich Böll fica patente em várias de suas publicações. Em sua obra “Defensores da humanidade” (KÜNG, H. - JENS, W. *Anwälte der Humanität: Thomas Mann, Hermann Hesse, Heinrich Böll*. Munique: Kindler, 1989, por exemplo, o teólogo dedica 76 páginas a um comentário tão amplo quanto elogioso sobre a importância da vida e obra de Böll para o catolicismo alemão desde 1945.

Segundo, questiona-se a tentativa da teologia de apropriar-se com *exclusividade* das representações do fenômeno religioso, também quando presente no discurso literário. O anacronismo dessa pretensão — ao menos no que diz respeito às artes — foi exposto e criticado por Böll no texto “Arte e religião”, conforme mencionado. A um período em que a Igreja se apropriava das obras para finalidades “homiléticas, catequéticas e pedagógicas” (para aproveitarmos a formulação de Küng), Böll contrapõe o mundo moderno, em que as Igrejas estariam até mesmo desautorizadas a manifestar-se sobre a arte, dada sua incompetência para expressar-se sobre a forma artística.

O terceiro objeto de crítica, enfim, é a falta de humildade por parte da teologia ao aproximar-se do texto literário, o que marcaria a *discriminação* exercida por ela em relação aos demais discursos. Tal aspecto é abordado de forma específica por Böll, por exemplo, na resenha do livro de Augstein comentada no item anterior deste artigo: “O menosprezo do poético (...) é um erro imenso dos teólogos” (ESR3, p. 33).

Na seqüência de seu texto, Küng continua a relacionar os pontos em que a reflexão teológica teria que mudar para aprimorar-se na relação com a literatura. Isso aconteceria:

*[s]e ela descobrisse o quanto de percepção da crise pode ser encontrado na literatura, o quanto de subjetividade autêntica, que não se pode simplesmente deixar de lado; mas também o quanto de criação, de nova atribuição de formas, de novas possibilidades de superação e de esperança renovada. Infinitamente muito se ganharia, se a teologia deixasse de tratar de problemas internos obsoletos e de se ocupar com batalhas intraeclesiais, para apropriar-se então um pouco mais do potencial de percepção, da força linguística e da ansiedade de criação da literatura: tudo em favor da superação dos verdadeiros problemas do ser humano, aos quais se dedicam, na palavra e através da linguagem, tanto teologia quanto literatura. (id., p. 28)*

No trecho anterior, as restrições apresentadas por Küng estavam sobretudo relacionadas às pretensões e posturas autoritárias do discurso teológico. Agora, seu texto volta-se à ineficiência e distanciamento desse discurso face à vida concreta das pessoas e à percepção de seu próprio objeto. O teólogo ressalta o desperdício do potencial heurístico que considera presente na literatura e que poderia proporcionar para a teologia um caminho de renovação. A mesma percepção fora expressa por Böll de forma provocativa, anos antes:

*“Será que algum dia não se vai concluir que a única literatura religiosa e teológica a ser levada a sério foi escrita por poetas?” (ESR3, p. 32).*

Aproximam-se as críticas de ambos à pretensão totalizante da teologia, ao tom pseudo-científico de suas formulações e à irrelevância de seus temas frente aos problemas efetivos do mundo de hoje. Böll afirma que:

"A teologia clássica não está, afinal, próxima de seu fim? Ela não é cada vez mais um jogo de iniciados, que se lançam a circunvoluções e torneios, fixados e aferrados a um jargão próprio?" (p. 31).

Outro ponto a se destacar é o fato de Küng referir-se à "subjetividade autêntica", presente na literatura. Esse aspecto é bastante valorizado por Böll, haja vista sua defesa da autonomia do escritor enquanto *sujeito* face às estruturas de poder, bem como sua argumentação em favor das possibilidades da literatura no que diz respeito à abordagem da realidade *individual*: ele considera o discurso literário como privilegiado, capaz de preservar a diversidade, a imprevisibilidade, as oscilações e inconstâncias próprias à realidade concreta dos indivíduos.

Como Hans Küng, também o teólogo **Dietmar Mieth** está atento à questão da subjetividade na literatura. A importância da interpretação literária para a ética teológica constitui o objeto de seu texto "Literatura, fé e moral".<sup>16</sup> Mieth, que também integrou as discussões do simpósio de 1984 em Tübingen, é ainda um dos responsáveis por referências a Böll em outra coletânea de textos sobre a relação entre teologia e literatura, publicada em Viena no ano de 1992, e igualmente fruto de um simpósio sobre o tema, realizado naquela cidade em 1990.<sup>17</sup>

Em "Literatura, fé e moral", Mieth apresenta ampla fundamentação para o estudo de uma "ética narrativa" baseada na interpretação de obras literárias. Böll é mencionado algumas vezes ao longo do texto; mais do que a referência direta a seus ensaios e obras, porém, têm valor os pontos de contato entre suas posturas e as reflexões de Mieth.

Em síntese, o teólogo parte da dificuldade epistemológica enfrentada pela reflexão ética no mundo contemporâneo.

A ética teológica moderna tenciona ser cientificamente válida e autônoma, mas, ao mesmo tempo, não pode utilizar-se apenas dos dados objetivos da ciência empírica, que reserva à subjetividade um espaço secundário e irrelevante. Por força de sua filiação teológica (trata-se aqui da ética que tem como objeto o comportamento do ser humano no contexto da fé), a ética precisa levar em consideração a *pessoa* humana, o indivíduo em seu valor e sua existência particular.<sup>18</sup> A ética admite que a realidade histórica pode

<sup>16</sup> MIETH, D. *Dichtung, Glaube und Moral*. 2ª ed. Tübingen: Matthias-Grünwald, 1983.

<sup>17</sup> HOLZNER, J. - SCHUSTER, E. (orgs.). *Moderne Literatur, Herausforderung für Theologie und Kirche*. Innsbruck-Viena: Tyrolia, 1992.

estar presente de forma até mesmo mais intensa em uma experiência subjetiva específica do que na redução de várias experiências a meros dados objetivos. Sua dificuldade consiste, portanto, em abordar o sujeito como tal, mostrar-se capaz de encontrar critérios de correção na experiência particular efetivamente vivida no meio social, e ainda assim não deixar de adequar-se às expectativas formais do discurso das ciências humanas e à sustentação empírica que elas exigem.

Nesse ponto, segundo Mieth, a literatura desempenha um papel de especial relevância para a ética teológica. Por sua atenção ao indivíduo, a ética está interessada em *experiências* que não estejam à disposição apenas através de quantificações estatísticas, mas que assumam uma forma palpável e concreta. Ora, a literatura é um dado empírico efetivo que representa experiências sem abandonar a subjetividade a um âmbito irracionalista e secundário. A análise da literatura permite ao teólogo depreender dela situações e modelos éticos concebidos pela ficção com *finalidades estéticas*, é certo; tais situações e modelos, no entanto, não perdem, por isso, seu valor objetivo, pois permanecem inseridos em um contexto sócio-cultural próprio, por meio das convenções discursivas partilhadas por produtores e receptores. Para Mieth, o desafio da reflexão ética consiste em: a) tornar-se capaz de analisar essas convenções discursivas; b) depreender daí modelos positivos e negativos em relação à norma ética vigente, bem como críticas a seus preceitos; e c) reagir a essas críticas, de modo a incorporá-las de maneira conseqüente à reflexão sobre a validade e adequação da norma ética vigente.

Esse potencial da literatura para o enriquecimento da reflexão ética de base teológica foi igualmente percebido e manifestado por Böll em ensaios e na produção ficcional, ainda que de modo mais intuitivo. Sobretudo três aspectos poderiam ser mencionados, de forma a explicitar a afinidade entre suas intuições e a reflexão de Dietmar Mieth.

O primeiro deles é a compreensão bölliana do discurso literário como capaz de incorporar o dinamismo da vida individual, de modo que se estabeleça entre ambos — vida e literatura — um traço comum de inapreensibilidade face a qualquer perspectiva totalizante. Em Mieth, algo bastante semelhante integra suas reflexões em "Literatura,

---

<sup>18</sup> Nesse sentido, as contribuições da sociologia, antropologia, história, filologia e demais ciências afins ganham em importância, e a teologia passa a caracterizar-se como uma atividade eminentemente interdisciplinar: "A teologia não se concebe de forma concreta e normativa se desvinculada de sua ligação social, histórica e confessional; isso porque não pode remeter-se a uma exterritorialidade supranatural. A teologia só pode salvar sua validade geral ("Allgemeinheit"), se for normativa 'sobre uma base concreta'." (Cf. Paul Tillich, *apud* MIETH, *op. cit.*, p. 32)

fé e moral". Para ele, "o momento da indisponibilidade ("Unverfügbarkeit") do ser humano e da moral encontra sua correspondência estrutural na imprevisibilidade ("Unverrechenbarkeit") da obra de arte" (p. 108). Nesse sentido, os escritos de Böll referem-se à literatura como constituída por uma "trindade" qualitativa (ESR2, p. 232) em que se aliam seu "caráter constitutivo", sua "liberdade", e sua "inconformidade". Mieth refere-se também ao caráter "experimental, imprevisível e desmascarador do texto literário" (p. 105).

O segundo aspecto deriva dessa compreensão da literatura e refere-se às possibilidades de sucesso da teologia enquanto atividade intelectual. Tanto o escritor como o teólogo partilham a idéia de que é preciso, na reflexão teológica, deixar de lado as pretensões de se compreender os objetos de maneira absoluta, por meio de uma razão unívoca. A totalidade do real, do ponto de vista teológico, é indisponível ("unverfügbar") ao homem, que, em sua condição de criatura, tem o poder e a percepção limitados à sua finitude. Mieth remete-se nesse ponto a G. Schiwy em seu texto "Aspectos de teologia moral sobre o erotismo na arte" ("Moraltheologische Aspekte zur Erotik in der Kunst", 1972):

*[Schiwy] parte do princípio de que tanto a arte como a teologia moral anseiam pela aproximação à totalidade do real; de tal forma, porém, que seja preservado o momento da indisponibilidade dessa totalidade e ele se mantenha longe de qualquer apropriação. O momento da indisponibilidade torna simbólicas todas essas tentativas. A teologia moral esquece-se freqüentemente desse princípio. Quando procura ser "científica"—isto é, quando pretende tornar tudo calculável—e quando suprime, com isso, "o momento da indisponibilidade final", ela falha enquanto teologia cristã. (MIETH, op. cit., p. 60)*

Mieth não abre mão, no entanto, de considerar a interpretação literária como subsídio efetivo para a reflexão teológica. Ele não incide, assim, na negação da possibilidade de conhecimento nesse campo. É o que se depreende também dos anseios de Böll por uma "teologia das formas artísticas".

Decisivas em ambas as posturas, portanto, são a importância atribuída ao discurso literário como tal e a consideração de seu potencial heurístico e valor de verdade. Mieth conclui:

*Ainda que a literatura não seja um discurso argumentativo no sentido da fundamentação conceitual, ela é ao menos um discurso argumentativo de ordem própria. Por isso pode-se falar de uma "lógica da literatura". A idéia estética não está em oposição à razão, mas é sim uma dimensão da razão. (...)*

*Um conceito de racionalidade sem sua dimensão estética é tão parcial quanto um conceito de racionalidade sem sua dimensão prática. Para se poder enquadrar a contribuição autêntica da literatura à racionalidade da*

*teologia moral, é preciso compreender o caráter do procedimento racional próprio à literatura. (id., p. 103)*

O terceiro aspecto que aproxima escritor e teólogo, afinal, diz respeito à constituição de modelos éticos pela literatura. Em Böll, é explícita a opção por pressupostos éticos na constituição de sua obra literária, reunidos sob a noção do "humano". D. Mieth, por sua vez, como leitor interessado em abordar a literatura sob o prisma da ética teológica, vê justamente na constituição de modelos éticos uma chave para a aproximação produtiva entre interpretação literária e teologia.

Antes de se desenvolver essa questão, apenas, é preciso ressaltar que a postura de Mieth, como a de grande parte dos teólogos contemporâneos, afasta-se de forma explícita do pensamento substancialista em teologia (MIETH, *op. cit.*, p. 51-53). Tal pensamento, forjado ao longo da Idade Média, persiste ainda em alguns campos influentes, como na teologia moral católica tradicional; por isso impregna até hoje o senso comum que se tem em relação à reflexão teológica de modo geral. Ele se baseia na concepção cosmológica medieval, que concebia o mundo como realidade estática; afirma a existência de uma ordem metafísica "substancial" permanente para o mundo em sua origem e fim, e entende, assim, todas as modificações temporais como meros acidentes em relação a uma substância imutável.

Modernamente, em função do diálogo com a ciência e do processo de secularização da sociedade, a teologia adapta-se a procedimentos aceitos fora dos limites eclesiásticos e desvincula-se da tarefa de apenas confirmar idéias estabelecidas "a priori", por força da doutrina. Atualiza, com isso, seus pressupostos metodológicos: não mais conceitos indefensáveis e estáticos como a diferenciação entre substância e acidente, mas sim a mobilidade e as relações concretas estabelecidas no mundo é que constituem o modelo ontológico básico na reflexão sobre o ser humano, o divino e os conteúdos da fé aceita como revelação. A teologia ocupa-se da história como processo aberto, enfrenta as questões postas a qualquer das ciências humanas, e assume um caráter interdisciplinar acentuado.

Da mesma maneira, a ética passa a ocupar-se de seu objeto guiada pelo modelo de uma práxis individual dinâmica, livre e constitutiva:

*A práxis não é o cumprimento de preceitos ontológicos; ela não realiza algo que já foi visto anteriormente, mas efetiva ela mesma a sua estrutura. Portanto, a ação individual não parte de um "agente já pronto", mas o constitui apenas no agir. Através de seu agir, quando a ele se pode atribuir sentido, é que o agente vivencia um desenvolvimento. Por outro lado, só há apreensão de sentido no agir quando ele é apreendido como desenvolvimento.*

*Sentido e desenvolvimento determinam-se mutuamente, pois a estrutura básica do ser é o movimento. Aquilo que é estático corresponde sempre piora, diminuição de sentido, entorpecimento. (MIETH, 1984, p. 55, com referências ao pensamento de H. Rombach)*

Assim, para a ética teológica moderna, a apreensão de modelos a partir de textos literários perde a finalidade de apenas confirmar ou negar padrões estabelecidos "a priori". Não se trata mais da busca de modelos que definam uma "correção" ("Korrektheit") estática, mas sim que desvendem a "capacidade de corrigir" ("Korrekturfähigkeit") presente na construção de sentido e no conseqüente desenvolvimento humano que se dão na ação concreta do indivíduo.

A ficção literária, por sua característica mimética criadora, reproduz o caminho da ação individual e subjetiva, pois oferece respostas inusitadas a expectativas comuns e objetivizantes. Ao forjar unidades de sentido na ação concreta de personagens ou no fluxo de uma voz lírica, a literatura incorpora em si essa mesma mobilidade vital, que é reconhecida hoje pela ética como ontologicamente própria ao ser humano.

Não se espera, assim, que o escritor assuma "a priori" um programa cristão e o realize em sua obra literária, de forma a constituir modelos éticos positivos. Os modelos éticos realmente válidos surgem no processo de criação artística independente e autônoma. É possível, desse modo, compreender melhor a rejeição de Böll frente a tentativas de classificá-lo como "escritor cristão", embora admitisse sem restrições a idéia de que alguém pudesse ser "escritor e cristão". Mais do que proceder a um mero jogo de palavras, sua observação ressalta a autonomia da criação literária, o compromisso único do escritor com a vida das pessoas em seu dinamismo, independentemente de programas pré-estabelecidos; e põe em questão, ainda, sua sensibilidade quanto ao papel da literatura autônoma no estabelecimento de modelos éticos autênticos, não pautados por determinações prévias, mas identificáveis no fluxo livre da ação em sua escrita.

Pela inconformidade da literatura eticamente relevante, acaba sendo intrínseco a ela referir-se de maneira negativa à realidade com que se depara. Ao contrário da busca de modelos afirmativos e edificantes, a interpretação literária encontra na *negação* um traço possível para o estabelecimento de modelos éticos, apreensíveis por via da "dialética negativa" (Adorno, *apud* MIETH, p. 61-71). O caráter duplo da negação torna possível fixar parâmetros: ela aponta falhas na sociedade e em sua moral, mas ao mesmo tempo faz ver positivities possíveis, pela negação da negação. Quanto mais concreta for a negação presente na literatura, tanto mais concretamente se poderão determinar modelos éticos.

Como último exemplo, merecem menção os estudos do teólogo e germanista **Karl-Josef Kuschel**, a quem pretendo dedicar, em breve, outro artigo específico. Em seus textos tem-se a demonstração de que também outros conteúdos da reflexão teológica podem ser apreendidos pelo confronto com a negatividade da literatura. Kuschel ocupou-se, por exemplo, da representação de Jesus na literatura contemporânea em língua alemã (inclusive com base em algumas narrativas de Böll).<sup>19</sup> Tal representação, concluiu ele, dá-se em geral por via indireta e negativa, pelo afastamento da figura tradicional e mitologizada de Cristo, à qual se contrapõe outra, fruto da confrontação pessoal e criativa com a primeira.

Além disso, em estudos específicos sobre Böll (em parte já disponíveis ao leitor brasileiro<sup>20</sup>), o teólogo dedicou-se à questão dos sacramentos e da catolicidade na obra do autor. Concluiu que para a representação de ambos os temas prevaleceu na obra bölliana a afirmação de uma "contraperspectiva": o exercício de uma dialética que opôs ao bem comportado, luzidio e industrioso catolicismo alemão da época a dignificação da pobreza e da sujeira, o elogio a uma postura menos obcecada diante do trabalho, a atenção solidária à condição submissa em que se encontram grupos socialmente desprivilegiados.

## 5. Conclusão

Os exemplos ora apresentados procuraram demonstrar, ainda que brevemente, a fecundidade e repercussão das reflexões do escritor alemão Heinrich Böll ao abordar questões teológicas, éticas e eclesiológicas em seu tempo. A problematização da dicção teológica tradicional, a contraposição desta última ao discurso literário e as reações e comentários daí decorrentes, por parte de alguns importantes teólogos, tencionaram evidenciar o interesse da produção literária para a reflexão teológica contemporânea.

Os estudos interdisciplinares nessa área têm avançado consideravelmente na Alemanha e podem constituir também para a comunidade de teólogos e literatos brasileiros um fecundo campo de pesquisa e reflexão. Por sua natureza "secular" e pelo interesse que encontra junto a amplas camadas da população, a

<sup>19</sup> KUSCHEL, K.-J. *Jesus in der deutschsprachigen Gegenwartsliteratur*. Munique: Piper, 1987.

<sup>20</sup> Sintetizados em KUSCHEL, *op. cit.*, 1994.

literatura, como ponto de partida da reflexão teológica, pode vir a constituir-se em um liame profícuo entre a comunidade de teólogos e um grupo de interlocutores mais amplo, tanto no mundo acadêmico, quanto entre o público em geral.

Endereço do Autor:  
Praça Osório, 455 — Apto. 73  
80.020-010 Curitiba — PR  
e-mail: soethe@humanas.ufpr.br